

# Revista de Informação Legislativa

Brasília • ano 39 • nº 156  
outubro/dezembro – 2002

Subsecretaria de Edições Técnicas do Senado Federal

## Rússia – 2ª parte

### A Revolução Comunista – os líderes

Hugo Hortêncio de Aguiar

#### Sumário

1. Introdução. 1.1. Conceitos básicos sobre revoluções. 1.2. Terminologia. 2. A Revolução Comunista. 2.1. Antecedentes da Revolução. 2.2. Etapas revolucionárias. 3. Os líderes. 3.1. Krenski. 3.2. Trotski. 3.3. Lênin.

#### *1. Introdução*

Não vamos descrever a Revolução Comunista de 1917, na Rússia, em pormenores. Seria necessário, para isso, um livro bastante volumoso, mas já inadequado para a maioria dos leitores desta Revista que, pelos seus inúmeros encargos oficiais, dispõem de tempo cronometrado para os demais afazeres. O que tentaremos fazer é ressaltar os episódios mais marcantes, analisados à luz de enfoques até hoje pouco explorados, e esclarecer aspectos fundamentais de uma terminologia específica que não chega a ser adulterada, mas controvertida em algumas amostras essenciais.

Apresentaremos, também desde logo, algumas idéias gerais, aceitas universalmente, sobre a filosofia e o mecanismo das revoluções, e a interpretação legítima de algumas organizações, básica para o entendimento das ações que promoveram a mudança violenta e radical das instituições fundamentais do Império Russo.

#### *1.1. Conceitos básicos sobre revoluções*

Os exemplos citados se devem ao fato de serem duas Revoluções bem conhecidas e

Hugo Hortêncio de Aguiar é militar reformado, especialista em culturas e línguas do Oriente Médio e das ex-Repúblicas Soviéticas.

estudadas, sendo os seus eventos principais recordados facilmente: a Revolução Francesa e a Revolução Comunista na Rússia. Do sucesso dessas duas depreendemos as seguintes premissas:

a) toda revolução, para ser bem sucedida, deve apresentar uma motivação internacional, isto é, uma causa de sensibilização da opinião pública mundial, a fim de captar a simpatia do maior número possível de nações, com os conseqüentes reflexos positivos. Essa motivação geralmente coincide com o objetivo principal que, tudo indica, foi a queda da monarquia na Revolução Francesa e a eliminação do tsarismo na Revolução Comunista da Rússia. Mas há casos em que o objetivo principal dos revolucionários, apresentado ao concerto das nações, é aparente. Por outro lado, há sempre vários objetivos secundários;

b) nenhuma revolução atinge todos os fins propostos inicialmente. Após dezesseis anos, a Revolução Francesa (da Liberdade) coroava Napoleão Bonaparte (Notre Dame, 1806) como Imperador absolutista. Menos de quatro anos depois da vitória comunista, que liquidou com tudo assemelhado a livre mercado, foi publicada a NEP (Nova Política Econômica), com pleno sabor capitalista;

c) toda revolução é autofágica. É uma conseqüência do item anterior. Com os resultados negativos que sempre surgem, e com as diversas tendências dos revolucionários, alguns descontentes, os mais fracos politicamente são alijados do poder ou, simplesmente, executados. Como exemplos, bastaria citar Robespierre na França e Trotski na Rússia;

d) finalmente, a célebre advertência de Louis de Saint-Just (1767-1794), revolucionário e pensador francês: “Aqueles que fazem revolução pela metade não fazem senão cavar suas sepulturas”<sup>1</sup>. O próprio Saint-Just experimentou a sua justeza, pois foi executado. Na Revolução Russa, Kerenski foi o protótipo do infrator desse preceito.

## 1.2. Terminologia

“Bolchevique” é o membro do Partido Bolchevista. É um nome, um substantivo comum. Não é um adjetivo, embora a maioria dos dicionários faça a equivalência desse termo com a palavra “Bolchevista”, que é um adjetivo, rigorosamente falando. Todavia, estamos tratando de Rússia e em russo a nossa terminação “ique” (seria mais internacional “ik”) corresponde ao agente masculino da ação (e “itsa” ao feminino). Em português, é um substantivo comum de dois, pois “bolchevique” tanto é homem quanto mulher. Assim, dizer Partido Bolchevique, embora não constitua propriamente um erro gramatical, é uma inadequação. O mais coerente seria empregarmos o título Partido Bolchevista ou Partido dos Bolcheviques.

Mas dirão alguns leitores que isso é um consuetudinário utilitário, que essa forma de substantivo adjetivado é uma tolerância gramatical com largo emprego, pois dizemos também Partido Democrata e não Partido Democrático. Muito bem, aceitamos o argumento. No entanto, tratando-se de uma publicação do nível cultural desta Revista, temos que saber, pelo menos, “em que águas estamos navegando”.

“Bolchevista” – Partido Bolchevista é o Partido das “medidas maiores, mais radicais”. Não é o Partido da Maioria. O adjetivo tem origem na palavra russa “bol ‘che” (maior, mais). Se fosse maioria, a origem seria “bol ‘chinstivo” e certamente o nome do Partido seria “Bolchintivista” e não “Bolchevista”.

Dessa vez, não seria um caso de opção gramatical, mas um erro de análise distorcida na apreciação de uma política de ação revolucionária. Os bolchevistas somente estiveram em maioria em duas ou três oportunidades, em reuniões de menor importância, limitadas em número de participantes, e em que os bolchevistas obtiveram maioria de votos pela retirada ostensiva dos opositores, chocados com a agressividade oral dos

leninistas. A vez em que os bolchevistas estiveram em maioria “para valer” foi no Soviete de Petrogrado (já era o nome da ex-São Petersburgo), em pleno período revolucionário de outubro de 1917.

“Menchevique e Menchevista” têm exatamente o significado oposto ao que dissemos para “Bolchevique e Bolchevista”. Esses termos têm origem na palavra russa “men ‘che” (menor, menos). A melhor prática é seguir a terminologia francesa “Maximaliste e Minimaliste”, respectivamente para “Bolchevista e Menchevista”.

“Internacionais” – Esclarecemos que esse termo não designa reuniões, congressos, concílios ou conferências, de caráter episódico ou conjuntural, mas sim organizações permanentes internacionais, ou pelo menos com essa pretensão. Foram três as mais notórias:

A primeira Internacional foi a Associação Internacional de Trabalhadores formada em Londres, em 1864, sob a liderança de Karl Marx, com a finalidade de reunir os trabalhadores do mundo inteiro para realizar os objetivos do Manifesto Comunista. Essa Associação defendia a idéia de uma revolução espontânea daqueles, o que a levou, sistematicamente, ao choque doutrinário com os extremados (como Bakunin) e à sua dissolução em 1876.

A Segunda Internacional, chamada Internacional Socialista, foi organizada em Paris, em 1889, mas com escritório central em Bruxelas. Foi tipicamente uma Associação de grupos socialistas europeus, com grande teor nacionalista, e nela tomaram parte, algumas vezes, Lênin e Trotski. Os assuntos mais discutidos eram os trabalhistas. A Associação dissolveu-se com a Primeira Guerra Mundial.

A Terceira Internacional foi formada em Moscou por Lênin, em 1919, e seu nome era Terceira Associação Comunista Internacional de Trabalhadores, mais conhecida como Comintern, não somente a combinação das nove primeiras letras de Comunista e Internacional, mas também com a idéia fixa de

criar um logotipo motivador de sua ação permanente de difusão do comunismo pelo mundo inteiro. Essa organização foi de caráter absolutamente bolchevista (nome mudado para “comunista” desde 1917), embora sob a presidência de Zinoviev, um socialista menchevista, que se transferira, com algumas reservas, para as hostes leninistas. A Terceira Internacional, ou Comintern, foi dissolvida em 1943 por Stalin, que “matou dois coelhos com uma cajadada”.

Primeiro, atendeu os aliados nessa pretensão, em troca de tanques a serem desembarcados no porto de Murmansk, e de outras ajudas na guerra contra os alemães. Em segundo lugar, acabou com a Terceira Internacional, que detestava, e cujo primeiro Presidente, Zinoviev, mandou depois fuzilar.

Sobre “Internacionais”, não convém dizermos mais nada neste ponto da exposição, e somente fazê-lo quando o conteúdo histórico exigir.

Socialismo – As definições apresentadas a seguir são todas de fonte russa, editadas em pleno regime comunista.

Tanto quanto na imprensa ocidental, a imprensa soviética apresentou, durante todo esse período de mando comunista, um volume apreciável de matéria versando sobre “socialismo”, o que podemos constatar nas publicações mais difundidas, como “Voprós Istórii” (Questões de História), “Voprós Filosófii” (Questões de Filosofia) e “Cotchinênia” (Obras). Mas esse cabedal imenso de discussões teóricas é mais interessante e adequado para cientistas políticos. Quanto a nós, ficamos com apenas uma publicação de consulta fácil, um dicionário com a amplitude de uma enciclopédia e que, sobre “socialismo”, apresenta três parágrafos, todos equivalentes na definição do termo. É uma fonte absolutamente comunista:

“Dicionário da Língua Russa”, de Serguêi Ivanovitch OJEGOV (1964).

Respectivamente às páginas de nº 280, quando conceitua “comunismo”, 742, quando conceitua “socialismo”, e 834, quando conceitua “fase”, apresenta a mesma defi-

nição, qual seja, “período definido no desenvolvimento histórico de qualquer processo social”.

Soviete – A palavra, tanto em russo como na maioria dos idiomas, tem três significados: 1º) orientação dada a uma pessoa, ou grupo de pessoas, para um procedimento, para a execução de uma ação; 2º) organização institucional, como Conselho de Ministros, Conselho Universitário ou Conselho de Justiça; e 3º) assembleia não permanente, por exemplo “Concílio”<sup>22</sup> de cardeais, para eleição do Papa.

Em russo, a palavra é uma combinação de “so”, “com”, com “viete”, “grupo, ramo, facção”.

Nos dois primeiros sentidos, tudo igual ao português. No terceiro sentido, o “soviete”, embora conjuntural, apresentava uma grande tendência para se tornar permanente, o que aconteceu de fato após a vitória da Revolução, com todos os Sovietes institucionalizados.

No terceiro sentido, o “soviete”, embora conjuntural, apresentava uma grande tendência para se tornar permanente, o que aconteceu de fato após a vitória da Revolução, com todos os Sovietes institucionalizados.

Além disso, o “soviete” russo apresentava duas características próprias: 1ª) respondia a um novo tipo de liderança introduzido pela revolução que era a “colegiada” e “coletiva”; 2ª) a maior diferença, porém, dos nossos “conselhos”, era a sua função efetiva de comando de ações, pelo menos a partir do Soviete de Petrogrado.

Por isso, os mencheviques queriam um soviete mais amplo, mais numeroso, representado com várias correntes de pensamento, o que traria, no final, um consenso de moderação.

Os bolchevistas, ao contrário, seguiam naturalmente a idéia de Lênin, qual seja, reduzir o número de integrantes, escolhendo somente aqueles que optassem por uma linha de conduta em que tudo fosse sacrificado pela Revolução: família, amigos, instituições, tudo enfim. Além disso, os escolhi-

dos deviam encarar as missões determinadas, mesmo aéreas, com disposição, chegando mesmo ao crime, se necessário. O que Lênin desejava era uma elite altamente revolucionária, terrorista, sem democracia entre eles. Um pequeno número de homens, ou só um homem, deveria tomar as últimas decisões. Esse pensamento era o que caracterizava o “leninismo”, a instrumentalização efetiva, prática, da teoria de Marx (a revolução que Karl Marx preconizava era a “espontânea” dos trabalhadores, política, até mesmo violenta, se necessário fosse, mas sem liderança de Partidos).

Os bolchevistas só obtiveram maioria no Soviete de Petrogrado em setembro de 1917, o que foi decisivo para o levante final de outubro.

A sigla “Marxista-Leninista” foi um adocante muito apreciado por Lênin, como uma forma de não ferir a sensibilidade dos autênticos seguidores da teoria revolucionária de Karl Marx que ele, Lênin, julgava simplesmente utópica.

Infelizmente, para toda a humanidade, Lênin estava com a razão, mas somente quanto à mecânica da Revolução. Quanto aos objetivos, é difícil julgarmos qual, dos dois, foi mais utópico.

## 2. A Revolução Comunista

### 2.1. Antecedentes da Revolução

Podem ficar tranquilos os caros leitores que não vão assistir ao filme enfadonho, repetitivo e vulgarizado, desfilando os eventos que, com o nome de “antecedentes”, constituem as causas históricas, políticas, sociais, econômicas e militares que costumam preceder as mudanças de vulto na história. Tratando-se da Revolução Comunista na Rússia, não bastaria um só filme, mas um seriado, que pode ser conseguido facilmente nas nossas bibliotecas ou até mesmo no comércio especializado (livros).

Em vez disso, vamos dar uma visão de conjunto, esquematizada, da revolução que

durou praticamente o primeiro quarto do século XX, chamando desde logo a atenção para a seqüência de ação política que caracterizou a formação das organizações comunistas e também as etapas das ações revolucionárias, propriamente ditas, trabalhismo, menchevismo e bolchevismo:

Internacionais – a primeira, em Londres (trabalhista); a segunda, em Paris, socialista, (menchevista); e a terceira, em Moscou, comunista (bolchevista).

Soviets – o primeiro conjunto (só trabalhadores), em 1905; o segundo conjunto (menchevistas e outros), em fevereiro de 1917; e o terceiro conjunto (maioria de bolchevistas), em setembro de 1917.

Etapas Revolucionárias - A primeira, em 1905 (predominância das ações trabalhistas); a segunda, em fevereiro de 1917 (menchevista); e a terceira, em outubro de 1917 (bolchevista).

## *2.2. Etapas revolucionárias*

### *2.2.1. Primeira etapa*

Há um consenso geral atualmente, entre historiadores, analistas e estudiosos da matéria, em considerar os acontecimentos do ano de 1905 como centro cronológico, primeira etapa da Revolução Comunista na Rússia, e não como antecedentes da tomada do poder em outubro.

O quadro histórico justifica essa posição. Assim, como antecedente dessa etapa inicial da Revolução, poderia ser considerado tanto o conjunto de derrotas militares, em mar e em terra, sofridas pela Rússia ante o Japão na guerra de 1904, cujos efeitos foram humilhantes para a primeira, quanto o patriotismo russo ferido e um tratado de paz vergonhoso.

Com o Império abalado, explodiram as greves e manifestações políticas, entre elas a do Padre Gapon, que culminou com o domingo “sangrento”, em 22 de janeiro de 1905, na então São Petersburgo, e constituiu o “leitmotiv”<sup>3</sup> indiscutível para a revolta contra a “autocracia”.

A seguir, caracterizando um processo revolucionário em andamento:

1 – greve geral de mais de um milhão de operários, não somente na indústria, mas em todos os serviços públicos; “espontânea”, talvez a maior da história, sem nenhum órgão de planejamento ou direção, isolando o Tsar e amedrontando os governistas;

2 – revolta dos marinheiros do couraçado Potemkin<sup>4</sup>, já com ligações em outros navios da Marinha;

3 – reflexos da greve operária no campo. Sempre se sucederam rebeliões isoladas de camponeses, mesmo na Rússia Moscovita, mas ações de pequeno porte, entre grupos de senhores de terra e seus empregados. Agora, porém, tratava-se de uma ação de grandes proporções, como resposta à ação grevista nas cidades;

4 – formação de um “soviets” em São Petersburgo, só incluindo trabalhadores, com representantes de todas as fábricas, que, no seu conjunto, atingiu o total de 500 trabalhadores. Esse soviets não teve ação de comando sobre os grevistas, mas consultiva (foi o único com essa conduta);

5 – manifestos do Tsar, prometendo liberdades políticas e direitos civis, além de representação parlamentar (as Dumas), embora tudo isso fosse aparente, para ganhar tempo, eis que o absolutismo estava perdendo consistência e, de qualquer modo, foi conseguido um certo equilíbrio entre o governo e a classe operária. Contudo, tinha começado a revolução, e a prova disso é que Lênin voltou de Genebra para ativá-la “oficialmente”. A verdade é que ele, Lênin, não gostava nada daquele tipo de ação revolucionária, bem “à moda Karl Marx”, e tanto fez – e nisso ele era mestre – que desmoralizou o soviets de São Petersburgo. O governo, logo que teve a oportunidade, massacrou os integrantes, com Trotski à frente, sendo este preso. Lênin, com seu procedimento, desgostou uma grande ala bolchevista e, para reparar “aparentemente” a sua culpa, foi para Moscou tentando uma desforra. O re-

sultado foi novo massacre, que terminou com a revolução de 1905. Lênin exilou-se na Europa ocidental.

Relacionemos alguns acontecimentos posteriores à “primeira etapa”:

- 1 – queda do movimento revolucionário;
- 2 – repressão violenta aos seus organizadores;
- 3 – exílio de líderes (Stalin já entre eles);
- 4 – Lênin e Trotski no estrangeiro;
- 5 – assassinato de Stolipin, responsável pela ordem pública;
- 6 – criação da Terceira Duma; e
- 7 – finalmente, a Primeira Guerra Mundial.

Desde 1905 até 1916, com exceção da Primeira Guerra Mundial, todos os itens anteriormente citados perderam muito de sua expressão em face da atuação de um monge da Igreja Ortodoxa, Grigóri Iefimóvitch Raspútin (1872-1916)<sup>5</sup>, que, em sua estada pela Sibéria, fez amizade com um “shaman”<sup>6</sup> e conseguia, aparentemente ou não, realizar as “curas” dos problemas hemofílicos do filho do Tsar, granjeando a simpatia e o apoio, não somente da Tsarina, mas do próprio Tsar e de toda a Corte. Teve enorme influência política no governo, dominou a hierarquia eclesiástica da Igreja Ortodoxa. Entretanto, levou uma vida escandalosa e granjeou, também, inimizades. Foi assassinado em dezembro de 1916.

### 2.2.2. Segunda etapa

Foi chamada de “Revolução de fevereiro-março”, “Revolução de março” e/ou “Revolução Menchevista”<sup>7</sup>.

Essa etapa teve início após dois anos de guerra com a Alemanha, na chamada Frente Oriental, onde a atuação do Exército Russo foi desastrosa, o que forçou o Tsar a visitas freqüentes à linha de frente, procurando levantar o moral da tropa combatente. Com isso, a Capital ficou entregue à administração da dupla Tsarina e Raspútin, que praticamente exerciam o poder, com suas nomeações descabidas e irresponsáveis. As ações que precederam o levante de março foram:

1 – em 1916 – Reunião da Duma, em novembro, com acirradas críticas a elementos do governo e à própria Tsarina, partindo de elementos conservadores do Partido “Kadete” (sigla formada com as iniciais do Partido Constitucional Democrático “K” e “D”). No final de dezembro, assassinato de Raspútin por um sobrinho do Tsar, não suficiente, porém, para parar o descalabro administrativo;

2 – em 1917 – Início, no dia 20 de fevereiro, de greve nas fábricas Putilov, seguindo-se represália, com dezenas de milhares de trabalhadores desempregados e agitando as ruas, sem liderança alguma. Todos os líderes revolucionários estavam ou em capitais européias ou no exílio. Em março, a guarnição militar de São Petersburgo contava com cerca de 150.000 homens, o que parece configurar uma cifra astronômica. Tudo parecia estar a favor do governo. Mas só aparência. Desse número considerável de soldados, quase todos recrutas, somente cerca de um décimo (15.000) podia ser empregado satisfatoriamente. Acresce a tudo isso que os cossacos estavam disponíveis, mas cansados de guerra, e ansiosos para a volta aos lares;

3 – ações revolucionárias – i – protesto do povo no “dia da mulher” (8 de março), invadindo as ruas, contra a guerra com a Alemanha, principalmente; ii – saques de estabelecimentos de gêneros alimentícios; iii – manifestações trabalhistas contra o desemprego; iv – repetição das demonstrações nos dias 9 e 10 de março, com muito mais intensidade; v – pressão da Duma para o governo fazer concessões; vi – repressão violenta, mesmo usando armas de fogo, foi a resposta do Tsar; vii – muitas unidades militares negam-se a atirar no povo; viii – a maioria das unidades militares ficou solidária com os manifestantes, chegando algumas delas a matar seus oficiais; ix – parte de tropa amotinada invadiu as delegacias de polícia e os arsenais, apoderando-se de armamento e munição; x – confraternização da tropa enviada de fora com os amotinados, o que assegurou a conquista, na noite

de 11 de março, de São Petersburgo; xi – em Moscou, como reflexo das ações em São Petersburgo, completa adesão da tropa à causa dos revolucionários e a vitória rápida dos rebeldes; xii – somente na base naval de Kronstadt houve violência, com o assassinato de oficiais; xiii – com a vitória da Revolução de março, foram tomadas medidas devidas para a organização de um governo provisório, conseguido a duras penas com o consenso de deputados da Duma, que não reconheceram o decreto do Tsar dissolvendo aquela Casa; e o primeiro Governo Provisório foi criado com representantes de todos os partidos, tomando parte nele Kerenski. O Soviete de Petrogrado (a cidade mudou de nome) era, desta vez, composto de operários e soldados. Para cada mil operários, um representante e um soldado para cada Companhia. Assim, foi estabelecido um governo “paralelo” ao governo provisório; xiv – no dia 14 de março, o Soviete de Petrogrado expede a “Ordem nº 1”. Em resumo, acabava com a disciplina, a hierarquia e os sinais de respeito no Exército. Além disso, criava Comitês do Soviete nas unidades militares e declarava que as ordens do Governo Provisório só seriam cumpridas se não contrariassem as do Soviete. O exército estava desintegrado; xv – no dia 15 de março, Nicolau II abdica e obtém licença para o exílio na Inglaterra, mas o trem que o levava para Vladivostok, no Oceano Pacífico, onde tomaria lugar no navio, foi detido em Ekaterimburgo. O Tsarismo havia chegado ao fim, configurando o objetivo principal (aparente) da Revolução Comunista. Mas não era só isso o que Lênin queria, como veremos adiante;

4 – o Governo Provisório estava muito enfraquecido, principalmente com a posição em relação à guerra com a Alemanha e somente não caiu imediatamente por causa da ação do próprio Soviete; Kerenski assumiu também o Ministério da Guerra;

5 – depois da vitória de março, era esta a situação do Governo e da Rússia: i – Lênin volta da Suíça e lança as célebres “Teses de

abril”; ii – os Sovietes praticamente constituem o poderio político na Rússia; iii – o exército russo continua sofrendo pesadas derrotas ante os alemães; iv – Lênin passou a fazer propaganda para a verdadeira revolução que ele queria e esquematizou assim: a – “Paz”, conquistando a soldadesca, que não queria mais saber de guerra; b – “Terra para os camponeses”, conquistando as massas do campo; c – “Poder para os Sovietes”, foi a novidade. Ele, Lênin, não gostava muito dos Sovietes, particularmente agora, quando no Congresso Pan-Russo havia cerca de setecentos menchevistas e aproximadamente cem bolchevistas. Os Sovietes eram dominados plenamente pelos menchevistas, os responsáveis pela segunda etapa da Revolução. Lênin esperava futuramente controlar os Sovietes; e

6 – finalmente, Lênin rompe com o Partido Social Democrático, que mudou o nome final “bolchevista” para “comunista”.

A Rússia estava bem madura para o golpe final de Lênin, porém isso só iria ocorrer depois de dois lances intermediários, que não vamos descrever, apenas realizar a crítica sumária de seus fracassos.

O primeiro foi em julho de 1917: Lênin comenta que “foi prematuro, sem liderança, uma turba amotinada de operários correndo pelas ruas, sem objetivo”. Uma crítica indireta a Marx. Também acrescenta que “tinha trazido prejuízo para a Revolução”.

O segundo foi o chamado “levante de direita”, também denominado “revolta dos generais”, em setembro. Kerenski estava à frente do Ministério da Guerra e o General Kornilov era o Chefe de Estado-Maior. Este marchou contra Petrogrado para estabelecer uma ditadura militar. Não chegou lá. Foi preso – a tropa não lhe obedecia – e tudo foi encerrado, à espera do golpe final de Lênin, a Revolução de Outubro, a terceira etapa e a última.

### 2.2.3. Terceira etapa

Foi chamada a Revolução de outubro.



Antes de tudo, precisamos de muita atenção quanto às datas, pois ora são assinaladas no Velho Estilo, ora no Novo Estilo. O Novo Estilo corresponde ao nosso calendário gregoriano, com diferença de treze dias para o Velho Estilo. Assim, como a maioria das publicações consigna as datas de 24 e 25 de outubro para os dois dias decisivos da revolução de outubro, no nosso calendário devemos marcar 6 e 7 de novembro.

Na estruturação das forças revolucionárias, os bolchevistas contavam com os seguintes contingentes operacionais:

1 – grupos de assalto de operários, armados desde o levante de julho e, por incrível que pareça, desde também o levante de direita de setembro, quando receberam, “oficialmente”, armas para defender Petrogrado da ofensiva de Kornilov;

2 – a Guarda Vermelha, instituída pelos bolchevistas há mais de um ano e constituída de trabalhadores munidos de armamento leve, clandestinamente subtraído dos depósitos militares;

3 – os marinheiros da Base Naval de Kronstadt, em sua totalidade;

4 – os marinheiros da frota do Mar Báltico, em sua quase totalidade; e

5 – quase toda a guarnição militar, com pequenas exceções.

Eram os seguintes os órgãos de direção, aliciamento e ligação:

1 – os Comitês de fábricas, além de um representante do Comitê Militar Revolucionário;

2 – os Comitês de Corpos de Tropa, além de um representante do Comitê Militar Revolucionário;

3 – o Soviete de Petrogrado, agora composto de trabalhadores e soldados (desde julho) e já com maioria bolchevista desde setembro, em virtude da difusão das “Teses de abril” e do efeito explosivo do novo “slogan” de Lênin “todo poder aos sovietes”;

4 – o Comitê Militar Revolucionário, organizado com elementos do Soviete, na maioria militares, alguns elementos do futuro “Partido Comunista” (novo nome de “Bolchevista”) e alguns raros elementos civis dos

serviços públicos, especializados, que seriam empregados em ações altamente técnicas; e

5 – finalmente, à testa do Comitê Militar Revolucionário, a “Piatiorca”, um quinteto do mais alto nível revolucionário, com Trotski na liderança, não somente do Comitê Militar Revolucionário, como também de toda a parte operacional da Revolução.

Para qualquer grande decisão, ou mudança de uma já tomada, o líder absoluto era Lênin.

Com relação à população civil das grandes cidades e do campo, propugnava-se apenas continuar a propaganda contra a guerra e por melhores condições de vida, em especial no campo, onde se divulgava uma ampla reforma agrária.

Eis aí um retrato bem aproximado da idéia revolucionária de Vladímir Ilíitch Uliânov.

Depois da tumultuada reunião do Comitê Central do Partido Bolchevista, a tese de Lênin, de uma insurreição armada iminente, saiu vitoriosa. Agora só restava realizar a operação nos dias 24 e 25 de outubro (6 e 7 de novembro), pois o planejamento fora minucioso (mostrado a seguir em resumo), lembrando que tudo dito com relação a Petrogrado será válido para outras grandes cidades, naturalmente fazendo a avaliação somente com os elementos disponíveis, militares e civis. Ordenou-se estritamente:

1 – não invadir nenhum órgão da administração burocrática do governo, nem mesmo os Ministérios;

2 – ocupar, com grupos selecionados de operários armados e elementos da Guarda Vermelha, todos os pontos vitais da cidade, absolutamente necessários ao comando do governo e aos serviços públicos essenciais, tais quais pontes, estações ferroviárias, centrais telefônicas, telégrafos, usinas elétricas. Cada grupo de assalto era especializado no objetivo a conquistar. Por exemplo, os operários que trabalhavam nas usinas elétricas foram os designados para ocupá-las e já vinham estudando há tempo os procedimentos para a ação em qualquer imprevisto. E assim por diante;

3 – não assaltar nenhum quartel da guarnição militar. Manter os elementos de ligação todo o tempo colados aos comandantes de tropa comprometidos com o movimento (quase todos), a fim de manter a “neutralidade” da guarnição e informar ao Comitê Militar Revolucionário qualquer mudança de atitude;

4 – manter um grupo de representantes do Comitê Revolucionário aptos para a “neutralização” de qualquer unidade militar que acesse de fora, inclusive com ameaça de violenta repressão futura quando a revolução triunfasse; e

5 – deixar a tomada do Palácio de Inverno para o último lance, pois, com a saída do Tsar, o grande edifício estava sendo refúgio para os governistas desorientados. Além disso, com a cidade conquistada, o assalto ao Palácio seria relativamente fácil e constituiria um evento revolucionário de grande efeito moral e político.

Tudo se passou como planejado, exceto naturalmente algumas pequenas escaramuças entre grupos revolucionários e patrulhas isoladas do governo, mas sem grandes proporções.

As ações começaram por volta de duas horas da manhã do dia 24 de outubro (6 de novembro). Mais ou menos às oito horas, Petrogrado havia sido conquistada. O dia todo foi nervoso. Muitas medidas preventivas e informes desconhecidos que não chegavam a mudar o rumo dos acontecimentos. Foi iniciado o cerco ao Palácio de Inverno até que, depois de alguns disparos do Cruzador Aurora, de rajadas de tiro da Fortaleza de Pedro e Paulo, e ligeiro tiroteio entre os assaltantes e elementos da tropa especial, o Palácio foi invadido. Foi reduzido o número de mortos e feridos. Todos os Ministros do Governo Provisório foram presos e levados para aquela Fortaleza.

Não descrevemos os episódios da conquista de Petrogrado durante os dois dias de efetiva revolução, pois julgamos não tão importantes para a visão geral do conjunto. Em compensação, vamos analisar com al-

guns pormenores a proclamação que Lênin lançou ainda na manhã do dia 24, com Petrogrado já conquistada. Embora haja inúmeros documentos atestando o fato e várias interpretações, estamos trazendo para os leitores a nossa tradução e os nossos comentários, à base da fotocópia da proclamação em russo, um autêntico manuscrito de Lênin, redigido (tudo indica) às pressas, pois contém inúmeros riscos, palavras, frases e até parágrafos inteiros suprimidos e palavras colocadas após a redação. É, contudo, uma fotografia do pensamento revolucionário do grande líder.

O Texto:

Título: “À toda a população” – foi o primeiro. Ele não gostou e riscou. O novo título da proclamação passou a ser “Aos Cidadãos da Rússia”, mais solene e, por que não, mais elitizado. O anterior era muito “vulgarizado”.

Segunda linha: “O poder do Estado passou para as mãos do Comitê Militar Revolucionário”... Trotski, que estava ao lado, pediu para inserir “do órgão do Soviete de Petrogrado” e isso foi feito. A primeira redação falava somente de organização tipicamente bolchevista, enquanto a segunda incluía o Soviete de Petrogrado, liderado por Trotski e que, embora com maioria bolchevista (pela primeira vez), contava com integrantes de todos os partidos revolucionários. O texto ficou assim: “O poder do Estado passou para as mãos do órgão do Soviete de Petrogrado, o Comitê Militar Revolucionário”...

Terceira e quarta linhas: “que está à frente do combate do povo contra o governo”. Riscado e corrigido para “que está à frente do proletariado e da guarnição de Petrogrado”. Se não tinha havido insurreição do povo, era forçoso tirar essa referência. Quem merecia citação eram o proletariado e a guarnição militar.

Quinta, sexta e sétima linhas: constituindo o segundo parágrafo, essas três linhas foram inteiramente canceladas, pois tratavam de um encontro do Soviete de Petrogra-

do para tratar da formação de um governo soviético. Ora, era a última coisa que Lênin desejava – a organização de um governo pelas mãos do Soviete. Ele achava que o Comitê Militar Revolucionário, peça decisiva do Soviete, já conseguira muito poder, e que era preciso controlar, recolocar, toda a situação em suas, de Lênin, mãos.

Décima segunda e décima terceira linhas (finais do manuscrito): a proclamação terminava com as seguintes palavras:

“Viva o socialismo”. Lênin achou singularmente frio e teórico, e mudou para “Viva a revolução de trabalhadores, soldados e camponeses”, significando um apelo às forças concretas e não à teoria.

Continuando em nossa tentativa de concisão sem omissão dos fatos essenciais, elenquemos os momentos políticos mais importantes que imediatamente sucederam à Revolução.

1 – Organização do novo governo, logo na noite de 26 de outubro (8 de novembro), com o nome “Soviete dos Comissários do Povo”, com quinze membros, sendo um Presidente, Lênin, e quatorze Comissários, embora só fossem, de fato, doze Comissariados, correspondendo aos nossos Ministérios. Isso porque o Comissariado dos Negócios Naval e Militar era conduzido por um Comitê de três membros. Dos quinze, os que nos interessam mais de perto eram Lênin, Presidente, Trotski, Relações Exteriores, e Stalin, Nacionalidades, para as biografias;

2 – fuga de Kerenski para a linha de frente, de onde voltaria com o General Krasnov, comandando um destacamento de Cossacos. Estacionaram em Gatchina, cerca de 30 km a sudoeste de Petrogrado.

Grande maioria dos autores é de opinião que, se Kerenski tivesse prosseguido para Petrogrado e entrado na cidade à noite, sem ficar perdendo tempo com proclamações em Gatchina, “a maré da revolução poderia ter mudado”. Não há dúvida de que foi o momento mais dramático para a revolução. Em Petrogrado, o quarteto que assistia Trotski

diretamente – Podvoiski, Antonov Ovseienko, Krilenko e Mekhonoshin – fazia tudo para convencer a tropa da guarnição a sair da cidade e deter os Cossacos de Krasnov, mas a tropa se recusava, alegando que era necessária para a defesa da cidade. Lênin foi cientificado, ficou furioso e ameaçou os assessores de tal maneira que, na segunda tentativa, eles conseguiram, com veemência, fazer a tropa mudar de idéia. Esses elementos de ligação, relatores do fato, escreveram que a repetida citação do nome de Lênin foi decisiva para a saída dos regimentos para fora da cidade. Krasnov foi batido porque os Cossacos não queriam lutar muito, em face de agitadores em suas fileiras com a promessa de volta imediata para as estepes do Don. Os Cossacos terminaram se rendendo. Trotski, já de retorno de outra missão, levou os termos de rendição a Lênin, que transferiu para o palácio Smolni toda a liderança militar, a fim de “vigia-la”. Não estava seguro de mais nada;

3 – a assinatura do tratado de paz de Brest-Litovsk com a Alemanha, em fevereiro de 1918, foi em condições tão vergonhosas para os russos que Trotski, Comissário das Relações Exteriores, deixou o cargo, assumindo os Negócios Naval e Militar, correspondentes ao nosso antigo Ministério da Guerra. Foi escolhido para o lugar certo. Lênin, mais uma vez, mostrou seu gênio político, porque qualquer outro responsável pelo tratado de paz em questão seria, no mínimo, fuzilado, se não enforcado. O tratado só foi assinado em fevereiro, logo após assegurado o triunfo comunista;

4 – dissolução da Assembléia Nacional Constituinte. Depois da emoção e exaltação revolucionária do fim de 1917, o que estava na ordem do dia era a reunião dos parlamentares, políticos de todos os matizes, em Assembléia Nacional Constituinte, com o vislumbre de eleições em todos os níveis e principalmente com a formação de um governo provisório. Depois das ações armadas nas ruas, foi a vez da política partidária, estando agora os representantes de to-

dos os partidos, inclusive os de extrema-esquerda, já convencidos de que Lênin marchava rapidamente para uma ditadura política, não admitindo um poder paralelo como um Parlamento, legislando e mudando seus decretos. Aqui no Ocidente, muitos analistas não se dão conta de que na Rússia daquele período havia uma elite político-partidária do mais alto gabarito, que ainda sonhava e chegou mesmo a se expor fisicamente por uma democracia liberal e, por isso, as manifestações na Duma (dissolvida pelo Tsar, mas concreta então, sob uma perspectiva bem promissora) foram tão acaloradas que o palácio Tauride foi-se transformando gradativamente num campo de batalha. Tendo perdido para a oposição todos os testes eleitorais para a composição da Assembléia, resolveu Lênin o problema de uma maneira muito simples, típica de sua personalidade: num dia decisivo de reunião dos Constituintes, numa sessão que varou a madrugada, com uma proposta por uma forma republicana de governo, as luzes do palácio foram apagadas, os guardas vermelhos foram cercando o edifício e os parlamentares foram saindo, na rua fria e com a neve caindo, de mansinho e felizes por não terem sido mortos. Foi o fim da Assembléia Constituinte;

5 – depois da dissolução da Assembléia, ocorreu um fato que por si só não significava muito, mas que teve uma grave repercussão futura. Dois ex-Ministros de Kerenski, Andrei Shingarev e Fiodor Kokoshkin, foram assassinados no Hospital Marinski. Eles haviam sido transferidos da prisão para o Hospital por estarem doentes. Os culpados foram identificados como marinheiros da frota do Báltico. Lênin ficou furioso, porque estava estabelecido que, especificamente, as execuções de antigos ministros somente se dariam após julgamento. Houve marchas e contramarchas na prisão dos dois marinheiros assassinos, mas, finalmente, sob pressão forte dos marinheiros do Báltico, o processo não foi adiante, tendo os marinheiros argumentado que fora um ato de terror “político” e, por isso, “justificado”.

É possível que o fato tenha constituído talvez a maior demonstração de fraqueza na liderança de Lênin, cobrada mais tarde, com juros altos, pelos marinheiros da Kronstadt, como veremos adiante;

6 – em agosto de 1918, houve dois atentados de grande repercussão em Moscou: um contra Uritski, Chefe da Tcheka, de Petrogrado, que morreu pouco depois em consequência dele, e outro contra o próprio Lênin, que ficou com apenas duas balas localizadas no ombro e na clavícula. Esse atentado, em especial, provocou uma reação de terror. Nas prisões, quase todos os presos foram fuzilados na mesma noite, e os decretos de Sverdlov – este em substituição a Lênin hospitalizado – atestam que ele, Sverdlov, foi o mais sanguinário, cruel e desumano de todos os líderes bolchevistas daquele período;

7 – o assassinato da família Imperial em Ekaterimburgo<sup>8</sup>, já ocorrido em julho, fora outro acontecimento a merecer uma análise mais pormenorizada. Ocorreu cinco dias antes da entrada da Legião Tchecoslovaca na cidade. A guerra civil já começara há cerca de seis meses. Julgamos, porém, mais acertado deixar a descrição para o final deste texto. Adiantamos, entretanto, que os três motivos historicamente conotados para a execução foram: primeiro – infundir terror nas fileiras inimigas; segundo – infundir, ainda, terror nos combatentes ao lado dos bolchevistas, mostrando que não haveria retorno no movimento; e terceiro – convencer os combatentes amigos que não poderiam falhar em destruir o Exército Branco, pois, se isso acontecesse, seriam arruinados, eis que eram cúmplices no assassinato. Os responsáveis pela ordem de execução foram Lênin e Sverdlov. Trotski nem foi consultado a respeito, mas concordou, despersonalizado como era. Antes, com o Tsar ainda em Petrogrado, advogara um julgamento padrão. Segundo os historiadores, a execução do Tsar e da família não produziu nenhum efeito entre os revolucionários e nem influiu no modo de combater;

8 – a Terceira Internacional, ou Comintern, era uma abreviação da “Terceira Associação Internacional Comunista de Trabalhadores” e foi fundada por Lênin quase que à revelia dos principais bolchevistas, em razão de não haver número de participantes suficiente, sendo todos os presentes contra a proposta. Contudo a idéia de Lênin prevaleceu. Essa organização durou até 1943, quando Stalin a dissolveu;

9 – em março de 1921, houve uma manifestação dos marinheiros da base naval de Kronstadt, contra os excessos do regime e por um governo mais democrático e que representasse os trabalhadores e os camponeses. Os marinheiros declaravam não ser uma rebelião, mas de fato o era. Lênin chamou Trotski e lhe deu carta branca para sufocá-la. Após um “ultimatum” violento, rejeitado, e em face de verdadeiras medidas infantis, tomadas pelos rebeldes, Trotski, tendo reunido o que ele julgava de melhor na guarnição de Petrogrado e até fora, atacou com decisão. Há uma publicação de Emmanuel POLLACK (1959), “The Kronstadt Rebellion”, descrevendo essa insurreição. Contudo, é possível que muitos aspectos não tenham podido ser analisados, pelo menos abrangendo os dois lados, porque dos rebeldes não sobrou ninguém para contar a história. Todos foram mortos. Cerca de cem que fugiram para a Finlândia devem ter morrido de frio ou de doenças. Quando começaram o movimento, eram 16.000 os amotinados;

10 – NEP. Nova Política Econômica – Em agosto de 1921, foi publicada a “Nova Política Econômica”. Com a guerra civil, rebeliões eclodiram por toda parte, principalmente no campo, produzindo milhares e milhares de execuções; a fome clamava por todos os lados, pois não havia produção; foi necessária uma “retirada estratégica, exigindo muita disciplina e impiedade para com os faltosos”. Eis aí como Lênin definiu a NEP. Para os seus críticos, de que era uma volta ao capitalismo, ele declarou que era um “capitalismo estatal”. Verdade ou não, foi

necessária, porquanto, segundo os cálculos de Sverdlov, aproximadamente 27.000.000 (vinte e sete milhões) de pessoas foram afetadas: ou mortas, ou doentes, ou desaparecidas. E essa NEP durou até 1928;

11 – finalmente, queremos encerrar os acontecimentos conseqüentes da revolução comunista de outubro com a descrição da Guerra Civil, que praticamente começou com o tratado de paz de Brest-Litovsk, assinado em fevereiro de 1918, e que durou até 1921. O tratado de paz de Brest-Litovsk desagradou muita gente dentro da Rússia, até mesmo os socialistas revolucionários de esquerda – os legítimos herdeiros dos terroristas da “Naródnaia Vólia”, que assassinaram o Tsar Alexandre II.

Os descontentes, procurando criar um caso, assassinaram o embaixador alemão, realizaram protestos e até um motim.

Os aliados, Estados Unidos, Inglaterra e França, não podiam concordar com a paz em separado com a Alemanha, após concessões de toda natureza, pagando-se aos alemães uma soma enorme de indenização de guerra, ao mesmo tempo em que cortava os débitos com os aliados. Além disso, acabava com a frente oriental. Em apoio aos anti-comunistas, desembarcaram tropas em Murmansk, Archangel, Vladivostok e Odessa. Também os japoneses invadiram a Sibéria e a célebre Legião Tcheca invadiu a Rússia até o centro-leste, ameaçando Ekaterimburgo.

As tropas russas do Exército Branco, reforçadas pelas tropas dos aliados e, principalmente, com regular material de guerra desembarcado, estavam mais ou menos assim dispostas:

1 – ao norte, em direção a Petrogrado, o General Iudenitch, reforçado pelos ingleses;

2 – ao centro, em direção a Moscou, o General Denikin;

3 – bem ao Sul, tropas francesas, desembarcadas em Odessa;

4 – a cavaleiro da Ferrovia Transiberiana, a Legião Tcheca, em direção a Ekaterimburgo; e

5 – até na Sibéria foi estabelecido um governo anticomunista, sob a liderança do Almirante Koltchak.

Essa tropa toda chegou a ocupar 9/10 (nove décimos) da Rússia comunista, chegando às portas de Moscou e, mesmo, cercando Petrogrado. Mas terminou sendo batida. Principais razões:

1 – não havia coordenação entre os aliados. A área era imensa, os meios de comunicação elementares e falhos, e havia muitas rivalidades entre os líderes anticomunistas;

2 – os líderes anticomunistas e os Generais comandantes eram “generais do Tsar”, e o povo preferia qualquer futuro incerto a ter que voltar ao tsarismo; e

3 – era uma intervenção “estrangeira”, o que foi muito bem explorado pela propaganda comunista e até pela pressão popular interna dos aliados.

Do lado comunista, podemos ressaltar a grande qualidade operacional de Trotski, bem como os artifícios usados pelos comunistas para que fosse suprida a falta de armamento e de material. São tantos, que só outro artigo sobre o assunto seria suficiente para esgotá-los. Essas invenções, todavia, constituiriam hoje motivo de riso.

Essa guerra civil custou muito à Rússia. Podemos arriscar, dizendo que nela morreu mais gente que em toda a Primeira Guerra Mundial. Quando terminou, a Rússia estava arrasada e foi forçada a pedir ajuda ao governo americano, com Herbert Hoover à frente, para que os camponeses não morressem de fome, particularmente as mulheres e as crianças. Os americanos, daquela vez, pelo menos, e ao contrário da tradição, “perderam a guerra e ganharam a paz”.

Depois desses acontecimentos, houve um Congresso dos Sovietes da União, em que os representantes da Rússia, Ucrânia, Belorússia e Transcaucásia (Geórgia, Armênia, etc.) assinaram a Declaração e o Tratado de Formação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Em 30 de dezembro de 1922. A partir dessa data, os acontecimentos serão assunto da terceira parte do tema.

### 3. Os líderes

Selecionamos, nesta fase, três líderes, todos do período revolucionário.

#### 3.1. Kerenski

1 – Dados biográficos: Alexandre Feodoróvitch Kerenski nasceu em 1881 em Simbirski, na mesma cidade onde nasceu Lênin. Sobre sua árvore genealógica pouco sabemos; apenas que seu pai, Fiódor Kerenski, era diretor de um ginásio, onde Lênin prestou exame para conseguir o certificado e ficou em condições de entrar para a universidade.

O pai de Kerenski escreveu um relatório sobre Lênin, sobre o qual falaremos adiante, na biografia de Lênin.

Kerenski formou-se em direito pela Universidade de São Petersburgo;

2 – Vida política: Iniciou efetivamente com sua eleição para a Quarta Duma, em 1912. Durante o primeiro governo provisório, foi Ministro da Justiça; no segundo, Ministro da Guerra; e no terceiro, Primeiro Ministro e Ministro da Guerra simultaneamente;

3 – Personalidade: Fraca. Embora enfiando em suas mãos uma considerável soma de poderes, nunca tomou uma decisão completa, fazendo tudo “pela metade”, como já ressaltamos na primeira parte. Vejamos alguns fatos que atestam a sua personalidade instável e limitada liderança: i – Filiado ao Partido Socialista Revolucionário, ligado aos camponeses, nunca fez nada pelo campo. Pertencia à ala moderada daquele Partido; ii – No primeiro governo provisório, era o único socialista integrante, tendo sido vetado pelo Soviete. Apesar disso, procurou acomodar-se; iii – Aceitou tranquilamente, como Ministro da Justiça do primeiro governo provisório, o “governo paralelo” do Soviete de Petrogrado; iv – Tendo conseguido o exílio de Nicolau II na Inglaterra, o que indica que era um homem de bom coração, foi surpreendido com a detenção da família Imperial em Ekaterimburgo, submetendo-se sem muita oposição a esse

ato de força do Soviete; v – Sua atuação em relação à guerra com a Alemanha foi sempre dúbia; ora conclamando os combatentes com o patriotismo russo, mas sem conseguir recursos, ora, sendo contra qualquer paz em separado; vi – À testa do governo de coalizão, depois do levante fracassado de julho, Kerenski adiou as eleições para a Assembléia Nacional Constituinte, o que constituiu um erro fatal, e nomeou Chefe do Estado-Maior o General Kornilov, partidário de uma ditadura militar. Kornilov avançou contra Petrogrado, tendo deixado de escanteio a Kerenski, julgado muito fraco para governar; vii – Quando já era triunfante a Revolução Comunista, Kerenski fugiu para a linha de frente e conseguiu que o General Krasnov, comandando uma tropa considerável, marchasse contra Petrogrado. Entretanto, estacionaram em Gatchina, 30 km a sudoeste da Capital, onde Kerenski resolveu fazer discursos, conclamando os soldados à luta. É opinião geral dos historiadores que foi o momento mais crítico da Revolução, pois se Krasnov tivesse prosseguido para Petrogrado sem perda de tempo, e entrado na cidade ao anoitecer, “a maré teria virado”. Mas Kerenski, mais uma vez, estava lá, indeciso...; e

4 – O Exílio: Com a vitória comunista, Kerenski exilou-se no estrangeiro, ora em Londres, ora em Paris, ora em Berlim. Há três hipóteses para explicar o exílio obscuro, mas sem perturbação: i – O pai de Kerenski, grande amigo e admirador do pai de Lênin, era quase um tutor escolar de Lênin. Fez muito por ele; ii – Depois da tomada do poder, muitos dirigentes fugiram da Rússia e não foram procurados lá fora, pois os bolchevistas tinham muito o que fazer, pressionados pela crítica situação interna; iii – Kerenski era muito inexpressivo. Não pensava qualquer ação contra ele. Uma figura sem nenhuma significação política.

Ficamos com a última razão, combinada com a segunda. Se Kerenski fosse importante, Lênin não teria levado em conta os motivos de ordem pessoal.

De modo que, para Kerenski, a sepultura que ele cavou para si mesmo, por ter feito revolução “pela metade” (conforme citação de Saint-Just – ver nota 1) foi bem rasa. Usando uma expressão muito empregada no futebol, “saiu barato”.

### 3.2. – *Trotski*

1 – Dados biográficos: prenome – Lev- Leon-Leo, qualquer um significa “leão”. Não é um nome indicativo de judaísmo, mas não esqueçamos que “leão” é um dos símbolos de Israel.

Patronímico: Davidóvitch (filho de David), o que caracteriza a procedência judaica.

Nome da família (sobrenome): Bronstein. Embora seja um sobrenome alemão, cumpre assinalar que os judeus falavam “ídi-che” (uma mistura de alemão com hebraico) e não apenas habitavam o solo alemão e suas cercanias. Todos se caracterizavam por nomes de família com a terminação “ein”. Acresce a esse fato que muitos deles fizeram parte do movimento socialista mundial judeu.

Nasceu em 1879, de família, portanto, judaica e de classe média.

2 – Vida política: i – iniciou muito cedo, pois juntamente com os pendores literários, demonstrava desde a juventude uma certa fascinação por idéias revolucionárias, o que era comum nas Universidades. Aos dezoito anos foi preso e exilado na Sibéria, de onde fugiu com o nome falso de Trotski; ii – integrou o Soviete de São Petersburgo na insurreição de 1905, o primeiro Soviete, organizado por trabalhadores, mas aceitava cooperação consultiva de todos os Partidos contra o governo. Com a dissolução do Soviete, Trotski foi preso; iii – do levante de fevereiro-março, de predominância menchevista, Trotski praticamente não participou, pois estava exilado na Europa, como a maioria dos líderes revolucionários. Só regressou depois das “Teses de Abril”. Nessa ocasião, havia muitas divergências entre Trotski e Lênin, que só viriam a se dissipar no levante fracassado de julho, quando Trotski aderiu

de vez à doutrina de Lênin; iv – durante o levante de Julho, fracassado devido à “falta de liderança”, segundo Lênin, muitos bolchevistas fugiram para a Finlândia, pois a opinião pública estava contra eles. Trotski foi detido, mas por pouco tempo; v – no dia 10 de outubro (23 de outubro pelo Novo Calendário), foi decidida a insurreição armada para os dias 24 e 25 (6 e 7 de novembro, respectivamente). Lênin voltou para a Finlândia e delegou a Trotski todos os pormenores da operação. Os dois já estavam afinados. Trotski planejou, supervisionou e conduziu as ações com a maestria que ele possuía nesse campo: combinando ações militares com imprevistos da atuação desordenada e emocional dos grupos armados civis. A operação foi um sucesso; vi – igualmente, Trotski foi encarregado por Lênin para sufocar a rebelião dos marinheiros da Kronstadt, e realizou a operação com tanto ardor que todos os amotinados foram mortos; vii – finalmente, na guerra civil, sua realização foi ao mais alto nível, tanto operacionalmente como, e principalmente, na organização do Exército Vermelho. Nesse último aspecto, deu uma demonstração de muita personalidade, o que não lhe era próprio: convocou 30.000 (trinta mil) oficiais do antigo Exército Tsarista, geralmente de média e baixa patentes, imprescindíveis para consolidação do comando da tropa. Lênin ficou apavorado, mas “engoliu seco”. Não havia outra solução. Era a consequência natural da “popularização” do antigo Exército Imperial.

Mesmo no levante menchevista de fevereiro-março, com a célebre “Ordem nº 1”, os comandantes graduados eram “eleitos” pelos Comitês do Soviete de Petrogrado nos Corpos de Tropa, aceitáveis para ações políticas na guarnição, porém não sabendo comandar seus escalões numa guerra convencional. Todavia não houve mudança de lado, embora Trotski tenha informado a Lênin que “o Exército Vermelho estava sendo comandado pelos oficiais tsaristas”. Como a desmoralização do Exército começara com o tsarismo, os militares preferiram defender

a “mãezinha russa” contra “os estrangeiros” a qualquer outra motivação.

3 – Personalidade: como anteriormente fizemos referências sobre certas atitudes de Trotski, alusivas à sua personalidade – claudicante, com altos e baixos –, e como já destacamos as operações lideradas por Trotski com sucesso, vamos abordar agora somente aqueles lances históricos que definem o líder político: i – paz com a Alemanha. O bloco revolucionário russo, constituído não somente por bolcheviques, senão também por elementos de quase todos os partidos, era contra uma paz com a Alemanha e advogava uma guerra revolucionária em território alemão. Lênin era contra isso e tinha suas razões. Trotski, que era o Comissário para as Relações Exteriores, ficou entre dois fogos. E apresentou a sua solução “Nem paz, nem guerra”, fórmula que se tornou histórica pelo grau de indecisão e de fraqueza diplomática. O que Trotski pretendia, com isso, era adiar a solução, para um momento de maior pressão do Exército Alemão, que ele sabia iminente, e assinar a paz forçado pelas circunstâncias. Os revolucionários russos, então, compreenderiam os termos da paz que ele, Trotski, já sabia serem contundentes para a Rússia. É verdade que, após o Tratado de Paz de Brest-Litovsk, Trotski deixou aquele Comissariado para ficar com o da Guerra, ainda chamado “Naval e Militar”. Foi para o lugar certo, mas deixou um rastro de conduta dúbia, embaraçosa do ponto de vista diplomático e desastrosa politicamente; ii – Rebelião de Kronstadt. Os marinheiros da Base-Naval de Kronstadt sempre foram a linha de frente dos revolucionários de Petrogrado. Na tomada do poder, em outubro de 1917, eram uma reserva pronta e eficiente para agir em caso de extrema necessidade. Mesmo, também, após a vitória, eram sempre contados entre as decisivas forças para a defesa da Capital, em caso de investida de tropas da frente oriental comandadas por generais do Tsar. Trotski sabia disso muito bem, principalmente em se tratando de tropa operacio-



nal de primeira ordem. Mas sabia também que Lênin esperava uma oportunidade para desforra, embora os marinheiros assassinos dos dois ex-Ministros realmente não fossem da Base Naval, mas da Frota do Báltico, que incluía a Kronstadt. A sua atitude para com os marinheiros foi impiedosa. Todos foram mortos, lutando como feras. Trotski realizou mais uma façanha guerreira e, o que era mais importante (pelo menos para ele), agradeu imensamente a Lênin; iii – execução da Família Imperial. Intransigente defensor de um julgamento completo para o Tsar, nem sequer foi ouvido para a execução de Ekaterimburgo. Entretanto, quando Sverdlov lhe relatou o fato, concordou inteiramente. Além disso, anos depois, escrevendo sobre o assunto, procurou explicar a decisão de Lênin, que, segundo ele, Trotski, não podia ser outra. Ainda teceu elogios à sensibilidade política de seu líder; iv – deixamos para último arrazoado – embora não tenha sido cronologicamente posterior – o rol de acontecimentos que sucederam à conquista de Petrogrado. Gradativamente, após a brilhante operação da tomada do poder da autoria absoluta de Trotski, Lênin foi assumindo o controle das operações, e de tal forma que, no dia 13 de novembro (seis dias depois da queda do Palácio de Inverno), ele mandava e desmandava, sem dar conhecimento de seus atos a Trotski, que, inclusive, esteve afastado do Palácio Smolni (Quartel General da Revolução), executando tarefas de assessores, enquanto Lênin resolvia com outros assessores problemas de muito maior importância. Alguns integrantes do novo governo comentavam que era um “duumvirate” (governo de dois), com Lênin e Trotski à frente, mas estavam enganados. Era o governo absolutista de um só: Lênin.

Quando Trotski chegara a Londres, do exílio na Sibéria (1901), tinha 22 anos e foi apresentado a Lênin. Este, após uma análise demorada daquele, chegou a conclusão que ele era o tipo do revolucionário ideal: culto, idealista, entendido em insurreição e, “com muito pouco entendimento do povo”,

destinado a pertencer a uma “elite revolucionária”.

Sofreu, desde logo, a influência da personalidade marcante de Lênin, que o acompanhou durante toda a vida, o que deve ser levado em conta na apreciação das lacunas de sua personalidade.

Na descrição final do perfil biográfico de Trotski, podemos resumir que:

- 1 – como líder operacional, foi um gênio; e
- 2 – como líder político, foi instável.

### 3.3. *Lênin*

1 – Dados biográficos: i – prenome: Vladimir (acentuação no primeiro “i”). É um nome de um grande santo na Igreja Ortodoxa Russa; ii – nome do pai (ou patronímico): Iliiá (o que dá origem a “Iliítch”), “filho de Iliiá”. Iliiá significa “Elias”, o precursor dos antigos profetas e tem origem no hebraico “Elijah” ou “Eliahu”; iii – sobrenome ou nome de família: Uliânov (acentuação no “a”). Essa palavra vem do eslavônico Uliáninov, abreviado em Uliânin, depois russificado em Uliânov. Faz referência a “apicultor” – apicultura era atividade tribal dos antecessores de Lênin; iv – nome da mãe: Maria. Não é necessária explicação, porque em quase todas as nacionalidades esse nome é comum. Sua origem é semítica e em hebraico é “Miriam”, bíblico. Nome do Avô paterno: Nicolau (Basiliévitch), isto é, filho de Basílio. Dois nomes de santos russos e de grande hierarquia. Vamos lembrar que a Catedral de São Basílio (em russo, Vassili) é um cartão postal na Praça Vermelha, em Moscou. Nome do avô materno: Alexandre. Nome de um santo russo e muito usado para nomes de Papas e de Tsares. O santo russo foi Alexander Nevski.

Vamos parar por aqui, porque ainda pode ir mais longe a árvore genealógica. Mas já dá para mostrar que poucos de nós, cristãos ocidentais, temos tido, por nascimento, uma auréola santificada de tanto brilho como Vladimir Iliítch Uliânov – Lênin. No entanto, aos dezesseis anos abandonou a religião.

E o nome Lênin? Que quer dizer? De onde veio?

Ninguém pode afirmar com certeza qual é a origem. Fizemos uma ligeira pesquisa sobre isso e ficamos com a conclusão de Robert PAYNE em “The life and death of Lênin”, (19- -, p. 39) deve ser uma variação da palavra “Uliânin”. Com a queda do “u”, e pronunciada rapidamente, soa-nos como “lênin”. Mas não garantimos que seja essa a origem do nome. Parece improvável que tenha sido em homenagem à uma insurreição de exilados em lugar próximo ao Rio Lena, como alguns pretendem. Não era do feitio de Lênin prestar tributo a fato desse tipo, tão distante e sem utilização prática na sua ação revolucionária. Com toda certeza, não foi devido a seu exílio naquelas paragens, porque Lênin nunca esteve perto do Rio Lena, nem mesmo de suas cabeceiras. Ele foi exilado em Shushenskoie (pronunciar “chúchenskoie”, com acentuação tônica no “u”), próximo ao Rio Ienissêi, cerca de 750 km das nascentes do Rio Lena. No transbordo do trem para o barco-motor, em Krasnoiarsk, a caminho do exílio, a distância mínima para o Rio Lena era de aproximadamente 650 km<sup>9</sup>.

Dizer que o codinome, ou falso nome, ou melhor, nome de guerra “Lênin”, é devido a seu exílio em região do Rio Lena é, portanto, uma heresia histórica.

2 – Situação social: o pai de Lênin, Iliiá, que tinha vindo de uma classe modesta, obtivera, com muito mérito, o título de nobreza da monarquia, devido à sua ação como educador. Tendo sido agraciado com a Ordem de São Vladimir, confirmou o seu favoritismo pelos governantes, pois então era realmente Conselheiro de Estado. O prestígio e o respeito que todos lhe dedicavam era tão grande que, no dia de seu aniversário, muitos vinham das cercanias para reverenciá-lo e demonstrar-lhe amizade, e é possível, mesmo, que tenha havido uma certa crença nos seus poderes sobrenaturais, supostamente ligados ao profeta Elias em um carro de fogo.

A mãe de Lênin provinha de família de classe abastada, proprietária de terra e mantendo muitos servos. Naturalmente que isso foi motivo de silêncio por parte do governo comunista, nas futuras biografias. Todavia, por lei, mãe e filhos herdaram a nobreza. E para valer.

Toda a correspondência dirigida a Maria Uliânova era sobrescrita com termos nobiliárquicos. Mais do que isso, esse título de nobreza serviria muito para suas ligações com elementos da Corte e com autoridades, com referência a pedidos de abrandamento de punições, de melhoria de condições nas prisões e nos exílios, enfim, de tudo que fosse possível para o conforto de seus filhos, todos revolucionários.

O mais curioso é que, de seus filhos, o que mais utilizou as regalias da nobreza foi exatamente Lênin. Quando este se dirigia a autoridade de ensino, pleiteando qualquer coisa, depois da assinatura escrevia “dvo-rianín”, que significa “nobre”. Isso trazia um benefício imediato: a correspondência não passava por intermediários. Ia diretamente para a autoridade decisória.

O seu exílio em Shushenskoie foi descrito por ele (Cotchnênia – Obras) como um dos melhores períodos de sua vida, tais as regalias a ele oferecidas.

A família, depois da morte de Iliiá, viajou muito. Trocou de moradia, de cidades, tanto pela necessidade de esquecer fatos dolorosos do passado – tome-se como exemplo a execução, por enforcamento, de Alexandre, o filho querido de Maria Uliânova –, como pelo atendimento a problemas de isolamento político dos filhos. Nada, porém, mudou de rumo. Além disso, os gastos eram vultosos. A família de Lênin, contudo, era de classe média alta e nunca soube o que era pobreza.

Maria Alexandrovna Uliânova ficou com uma pensão correspondente, no nosso caso, à de um Ministro de carreira, e seus bens, adquiridos por ocasião das mudanças – geralmente o eram por troca ou venda dos anteriores –, dificilmente seriam consegui-

dos por um elemento da classe média brasileira atual. Além da pensão, usufruía outras rendas.

A bem da verdade, esse benefício de dinheiro fácil nunca foi utilizado por Lênin, que residia tão satisfatoriamente nos esconderijos sombrios de São Petersburgo quanto na mansão aristocrática perto de Gorki, onde esteve doente. Não era por mérito ou sacrifício. Ele apenas era insensível a esse aspecto humanístico da vida, como a muitos outros que afetam os seres vivos.

3 – Vida política: naturalmente os caros leitores estão aguardando páginas e páginas para a descrição deste item. Pelo contrário, vai ser o mais simples, porque, desde que entrou para a Universidade de Kazan, com dezessete anos, até sua morte, em 21 de janeiro de 1924, sua vida foi intensamente política. Praticamente todos os lances históricos da Rússia, do final do século XIX até a formação da União em 1924, tiveram Lênin como protagonista, seja com a presença física, seja à distância, em exílio voluntário ou forçado, seja em prisão, seja até mesmo doente, terminal, perto de Gorki. À distância, sempre achava uma maneira de comunicar-se com os líderes revolucionários e, com sua indiscutível personalidade marcante, fazia-os adotar a solução que ele julgava a melhor.

Quando participava de uma reunião, de um congresso ou de assembleias, sua liderança era total e absoluta, e quando a matéria implicava decisão grave a tomar, a sua opinião, apesar de ferrenhos opositores, sempre terminava vencedora.

De modo que sua vida política coincide com todas as etapas da revolução comunista russa, já descrita numa visão global.

Muito mais interessante é o item “Personalidade”, a ser a seguir apresentado.

4 – Personalidade: Em vez de fazermos uma análise teórico-prática da personalidade de Lênin, focalizando o indivíduo como um todo, um processo de avaliação a levar, fatalmente, uma dose de carga passional do analista, preferimos desdobrar, como fize-

mos para Kerenski, a apreciação referenciada a lances históricos marcantes, facilitadores da tarefa.

Só utilizaremos episódios confirmados por mais de uma fonte. O primeiro fato foi o recebimento da notícia da morte do irmão Alexandre. Fora executado, por enforcamento. Lênin demonstrou uma completa insensibilidade, tendo apenas pronunciado a seguinte frase, facilmente encontrada em qualquer compêndio escolar russo: “Iest’ drugáia put’” (Existe um outro caminho), naturalmente criticando a conduta de seu irmão, na tentativa de assassinar o Tsar Nicolau II, em São Petersburgo. Esse “outro caminho”, como todos sabemos, apresentou depois muitos desvios.

Mas não ficou só nisso. Sua mãe, Maria Alexandrovna Uliánova, que fora a São Petersburgo assistir ao julgamento do seu filho mais querido, Alexandre, voltou a Simbirski dias depois, e estava muito calma. Para uma mulher viúva há pouco tempo, a perda, em acréscimo, do filho, em circunstâncias tão trágicas, só podia ser justificada, ou pelo menos explicada, pela fleugma nórdica (sueca).

Lênin, que à ocasião ainda não pensava em revolução, assimilou essa característica no mais alto grau.

5 – O segundo fato histórico é o ingresso de Lênin na Universidade de Kazan, para onde se mudou quase toda a sua família. Como já ressaltamos no item “Vida Política”, aí começou a carreira política de Lênin.

E teve muita influência sobre gerações e gerações de estudantes e revolucionários a novela de Nikolai GAVRILÓVITCH (19- -?)<sup>10</sup> “Chernichevski”, intitulada em inglês “What is to be done?” (O que deve ser feito?). Ela tratava de um político prisioneiro na fortaleza de Pedro e Paulo. Sobre ela, Lênin faria depois uma célebre divagação revolucionária. O que há de curioso na obra é que o herói da novela é um descendente de tártaro, riquíssimo, assemelhado ao próprio Lênin. Naquele momento, nascia um alterador da ordem social vigente, cujas idéias fi-

cariam mais consistentes com as leituras futuras de Karl Marx. Tal foi a impressão produzida em Lênin pela novela de Chernichovski que um novo revolucionário surgiu em Kazan. Esse foi o fator exógeno, cultural e ambiental, pois a Universidade de Kazan era um ninho de agitações.

6 – Embora não seja, do ponto de vista histórico, um grande marco, a estada em Sâmara, nova residência da família, logo em seguida à transferência de Lênin para a Universidade de São Petersburgo, apresentou uma amostra bem ampla e diversificada de fatores que influíram na formação de sua personalidade. Sua mãe, quando deixou Simbirski e comprou aristocrática mansão em Sâmara, numa fazenda de mais de cem hectares, pretendia fazer de Lênin um senhor de terras, eis que não queria repetir a dose de mais um filho revolucionário e também porque o pai de Kerenski lhe confienciara certas atitudes anti-sociais do filho remanescente, recomendando ficar de “olho nele”, o que seria mais fácil no campo. A fazenda era tão grande e abastada que cada filho reservou uma parte dela como “seu reino”.

Mas Lênin tinha outro destino, embora tivesse encontrado em Sâmara muitos proprietários de terra revolucionários. Passado algum tempo, escreveu ao Ministro da Educação pedindo exame para ingresso na Universidade de São Petersburgo.

Enquanto aguardava resposta, leu, com muita curiosidade, o livro de Victor Chernov “A enfermaria nº 6”, que tratava de um doente mental adepto do Nihilismo e da nulidade de todas as coisas existentes. Mas a sua motivação maior foram os livros de Karl Marx e “O catecismo revolucionário” de Netchaiev, o guia prático dos nihilistas, dos terroristas e dos destruidores da ordem vigente. Este último livro produziu um grande efeito na sua atitude com relação à vida e à sociedade. Ao chegar a São Petersburgo, tornara-se um conflito ambulante, com idéias revolucionárias desencontradas de toda espécie, com prevalência da componen-

te compulsiva de destruição da sociedade.

Não há dúvida de que, nesse estágio, os fatores culturais prevaleceram na formação de sua personalidade.

7 – Em São Petersburgo, sua vida política foi muito intensa e, tendo sido preso, exilado por várias vezes, também foi forçado a viver nas principais capitais européias durante grande parte de sua vida, por não poder permanecer na Rússia. Nesse período, participou de todos os congressos, reuniões, assembléias, debates, públicos ou clandestinos, nos quais consagrou a sua liderança revolucionária e política baseado nas seguintes atitudes: i – firmeza e fidelidade na defesa do princípio de revolução pelo processo mais extremado; ii – elitização dos grupos dirigentes do movimento revolucionário, sendo os líderes escolhidos pela sua dedicação exclusiva à causa e ao sacrifício de todos os conceitos, religiosos, éticos, morais, sociais, familiares e particulares; iii – investidas pela imprensa clandestina ou debates contra tudo e todos que fossem contra o projeto da nova ação revolucionária; iv – repetição exaustiva e agressiva das proposições às vezes derrotadas; v – desligamento e afastamento de todas as agremiações partidárias, mesmo as mais tradicionais, que não seguissem a orientação bolchevista. Naturalmente, para exigir esses fundamentos eram necessárias vontade de ferro e tenacidade constante, ao mesmo tempo, e uma atitude hostil a tudo que fosse legal. Lênin possuía essas qualidades, inatas ou adquiridas, e consolidadas na sua luta diária; vi – na paz com a Alemanha, pelo Tratado de Brest-Litovsk, Lênin se expôs deliberadamente ao ataque dos inimigos políticos, dos Aliados em guerra com a Alemanha e, pior ainda, também dos revolucionários, inclusive bolchevistas. Argumentando com elementos ponderáveis, os críticos citavam o patriotismo russo em jogo, os prejuízos em área perdida, a vultosa soma de indenização e o prejuízo militar para os Aliados, acabando com a frente oriental. Lênin jogou com os seguintes fatores: a) as derrotas na frente

de combate, provocando deserções; b) o tradicional amor dos Cossacos pelas estepes do Sul, com a promessa de retorno ao lar o mais breve possível; c) com a expectativa de uma iminente ofensiva germânica e a conseqüente tomada de Petrogrado, pondo em risco a ainda instável revolução comunista.

Lênin saiu vitorioso. Tendo arriscado muito, pois o Tratado de Paz era tão vergonhoso para a Rússia que o responsável poderia ser condenado criminalmente, sua habilidade como político e sua atuação como líder revolucionário acabaram resultando na superação desse difícil episódio. Quem pagou caro foi a Rússia, tendo de enfrentar a Guerra Civil (apoiada pelos Aliados), com a perda de mais de vinte milhões de pessoas. Sofreu o país toda espécie de desgraça, como fome, doenças, falta de remédios, rebeliões no campo e epidemias, proporcionando a Lênin mais uma jogada política com a adoção da NEP (Nova Política Econômica), de cunho absolutamente capitalista, tendo perdurado até 1928.

8 – Finalmente, queremos terminar com um episódio que chocou o mundo: a execução da Família Imperial em Ekaterimburgo.

A decisão foi de Lênin e Sverdlov, este último perito em assassinatos. Lênin, porém, não ficou muito atrás. Já analisamos politicamente o evento no número 3.2 desta Parte. Vamos agora tecer comentários sobre um aspecto diferente: o humanístico. Até líderes bolchevistas discordaram da decisão, que não traria, posteriormente, nenhum resultado prático para o Exército Vermelho.

Lênin decidiu muito simplesmente, como se estivesse realizando uma coisa sem importância, escreveria muitos anos depois Nadejda Krúpskaia<sup>11</sup>, que também concordava com o fato. A insensibilidade de Lênin, já antes provada tantas vezes, como no caso dos marinheiros da Kronstadt, agora tomava uma nova forma, mais destrutiva, mais impiedosa, conforme diagnóstico dos analistas. Essa obsessão permanente de destruição de toda personalidade ou de todo símbolo representativo da ordem vigente

tende a gerar um comportamento compulsivo como conseqüência imediata. Essa conduta tinha origens remotas, em fatores endógenos e exógenos.

Por parte de sua mãe, filha de sueca com alemão, ele assimilou a recolhida afetividade escandinava, condicionada por costumes tradicionais, mas, em compensação, as frígidas latitudes nórdicas legaram-lhe método de trabalho e paciência de pesquisa.

Do avô materno, alemão, Lênin absorveu uma vontade de ferro e uma tenacidade invulgar para atingir objetivos.

Seus avós paternos, ambos “chuvash” (tribo descendente de mongóis), transmitiram-lhe independência, aversão a tudo que fosse legal, desejo de isolamento e, ao contrário do que pensavam governantes tsaristas, temperamento turbulento.

Os fatores ambientais e culturais tiveram influência marcante em sua vida: Lênin viveu a adolescência em ambientes estudantis muito agitados nos fins do século XIX. Além disso, os meios universitários e revolucionários estavam embebidos de literatura marxista com a divulgação das obras de Karl Marx. Muito mais grave era o “Catecismo Revolucionário” de Netchaiev, tornado a bíblia de Lênin. Com a sua leitura, ele tornou-se amoral, terrorista e destruidor. Somando-se a isso a bagagem trazida de Simbirski, onde deve ter sofrido um duríssimo golpe com a notícia da morte do irmão – que ele respeitava como um pai (embora procurasse aparentar conformação) –, e a ausência de valores transcendentais dos quais se afastou completamente aos dezesseis anos, temos a imagem escrita muito aproximada de Vladimir Iliitch Uliânov, Lênin.

Tinha sangue sueco, alemão e “chuvash”. Em suas veias não corria uma só gota de sangue russo.

Sendo assim, o sofrido e sentimental povo da Rússia não tem nenhuma responsabilidade por esse legado histórico que, como líder revolucionário e político, foi um gênio e, como pessoa humana, foi nefasto, sem consciência moral.

Na 3ª Parte, a ser divulgada em edição futura da Revista, o título será “Estrutura Político-Administrativa da ex-URSS”, a conclusão deste trabalho tripartite. Uma rápida biografia de Stalin será apresentada, pois nesse período sua vida política passou a ter relevo.

### Notas

<sup>1</sup> “Ceux qui font des révolutions à demi, ne font que creuser leurs tombeaux”.

<sup>2</sup> Para comparação das palavras “conselho” e “concelho”, bem como “consílio” e “concílio”, recomendo utilizar o “Pequeno dicionário da língua portuguesa”, Editora Civilização Brasileira (1960), págs. 307-308, 315-316.

<sup>3</sup> Termo alemão que significa “Pretexto-guia”, o principal para uma ação política ou social. O motivo maior preponderante para essa ação, motivação quase sempre de ordem emocional.

<sup>4</sup> Pronunciar “Potiômkin”, com acento tônico no segundo “o”.

<sup>5</sup> A acentuação tônica de “Rasputin” é no “u”.

<sup>6</sup> “feiticeiro-médico” ou “curandeiro”. O Shamanismo é uma religião primitiva, em que o “shaman” é o centro do sistema, encarregado de intermediar as bonanças de tempo, colheita e outras, com os deuses. A idéia evoluiu muito para o terreno da saúde, das doenças, transformando-se o “shaman” mais em “homem da medicina”. Condenava-se veementemente a Tsarina Alexandra pela amizade e apoio ao monge. Mas é muito difícil o julgamento de pessoas e circunstâncias de outra fase da História. Hoje, o surgimento de “curandeiros” ainda provoca romarias, não apenas aqui como em qualquer parte da terra. Vale lembrar que dois países do primeiro mundo, Japão e Coréia do Sul, têm contingentes shamanistas apreciáveis.

<sup>7</sup> Os leitores devem ter observado que, quando citamos “os menchevistas”, estamos considerando mais uma frente política de ação conjunta moderada – contrária à atuação mais radical pregada pelos bolchevistas – do que um partido político formado de representações partidárias diversas, quase todas oriundas do Partido Social Democrata. Dizemos isso, porque muitos estudiosos da maté-

ria costumam separar o Partido Socialista Revolucionário dos Menchevistas. Nós preferimos encarar o “conjunto moderado”, sem distinções internas, para não perdermos o objetivo da exposição e não torná-la tão longa, pois, naquela época, início do século XX, era grande o número de facções políticas. Imaginem os caros leitores que o próprio Partido Socialista Revolucionário, não obstante guardar saudosa memória do grupo extremista e terrorista “Naródnaia Vólia” (A Vontade do Povo), mantinha duas correntes políticas absolutamente antagônicas: os Socialistas Revolucionários de Esquerda e os de Direita.

<sup>8</sup> Ekaterimburgo significa “Cidade de Catarina”, que foi Tsarina da Rússia. Depois da execução da família Imperial, numa triste deferência, foi chamada de “Sverdlovsk”, quer dizer, “de Sverdlov”. Atualmente, voltou a chamar-se “Ekaterimburgo”. Fica nos Montes Urais e é uma grande estação da Ferrovia Transiberiana.

<sup>9</sup> Em estada na cidade de Irkutsk, na região do Lago Baical, estivemos a cerca de 200 km do Rio, mais perto dele do que Lênin jamais tenha estado.

<sup>10</sup> Alguns autores inadvertidamente atribuem a autoria da obra a Lênin.

<sup>11</sup> Nadejda Konstantinovna Krúpskaia, esposa de Lênin.

### Bibliografia

CHERNOV, Victor. *A enfermeira* nº 6. [S.l.]:[s.n.], [19- -?].

GAVRILÓVITCH, Nikolai. *Chernichevski*. [S.l.]:[s.n.], [19- -?]. Título em inglês: What is to be done?

NETCHAIEV. *O catecismo revolucionário*. [S.l.]:[s.n.], [19- -?].

OJEGOV, Ivanovitch. *Dicionário da língua russa*. Moscou: conselho de Ministros da URSS, 1964. Enciclopédia soviética.

PAYNE, Robert. *The life and death of Lênin*. [S.l.]:[s.n.], [19- -?].

PEQUENO dicionário da língua portuguesa. 10. ed. [S.l.]: Civilização brasileira, 1960.

POLLACK, Emmanuel. *The kronstadt rebellion*. New York: [s.n.], 1959.